

BYU
CHUL

BYUNG-CHUL HAN

Favor fechar os olhos

**Em busca de um
outro tempo**

HAN

FAVOR

FECH

OLHO

 EDITORA
VOZES



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Han, Byung-Chul

Favor fechar os olhos : em busca de um outro tempo / Byung-Chul Han ; tradução de Lucas Machado. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2021.

Título original: Bitte Augen schliessen : Auf der Suche nach einer anderen Zeit

Bibliografia.

ISBN 9786557131736

1. Ensaios filosóficos 2. Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, 1770-1831 – Influência I. Título.

20-51812

CDD-102

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensaios filosóficos 102

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

BYUNG-CHUL HAN

**Favor fechar os
olhos**

**Em busca de um outro
tempo**

Tradução de Lucas Machado



Petrópolis

© Matthes & Seitz Berlin Verlag, Berlin 2013

Título do original em alemão: *Bitte Augen schliessen – Auf der Suche nach einer anderen Zeit*

Direitos de publicação em língua portuguesa – Brasil:

2021, Editora Vozes Ltda.

Rua Frei Luís, 100

25689-900 Petrópolis, RJ

www.vozes.com.br

Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

CONSELHO EDITORIAL

Diretor

Gilberto Gonçalves Garcia

Editores

Aline dos Santos Carneiro

Edrian Josué Pasini

Marilac Loraine Oleniki

Welder Lancieri Marchini

Conselheiros

Francisco Morás

Ludovico Garmus

Teobaldo Heidemann

Volney J. Berkenbrock

Secretário executivo

João Batista Kreuch

Editoração: Leonardo A.R.T. dos Santos
Diagramação: Sheilandre Desenv. Gráfico
Revisão gráfica: Alessandra Karl
Capa: Editora Vozes
Conversão para eBook: SCALT Soluções Editoriais

ISBN 9786557131736

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Este livro foi composto pela Editora Vozes Ltda.

O tempo da despreocupação – A quem foi concedida uma manhã ativa e tempestuosa da vida, de quem a alma foi tomada, no meio-dia da vida, por uma curiosa compulsão por tranquilidade, que pode durar por luas e anos. [Tudo] se torna silencioso à sua volta, as vozes soam cada vez mais distantes; o sol brilha vertiginosamente sobre ele. Em uma clareira escondida da floresta, ele vê o grande Pã dormindo; todas as coisas da natureza adormeceram com ele, uma expressão da eternidade no rosto – assim lhe parece [ser]. Ele não quer nada, não se preocupa com nada, seu coração está em repouso, apenas seu olho vive – é uma morte de olhos abertos.

Friedrich Nietzsche

Sumário

O tempo do silêncio

O tempo bom

O tempo da festa

O tempo do outro

Em um tempo inoportuno

Notas

O tempo do silêncio

Na *Ciência da Lógica*, Hegel escreve: “Todo o racional é uma conclusão [como silogismo] [*Schluss*]”¹. Para Hegel, a conclusão [como silogismo] não é uma categoria formal--lógica. Tem-se uma conclusão quando o início e o fim do processo formam um conjunto [*Zusammenhang*] dotado de sentido, uma unidade dotada de sentido, quando eles se prendem um no outro. Assim, a narrativa é uma conclusão. Por causa de sua conclusão, ela produz um sentido. Também rituais e cerimônias são formas de conclusão. Eles têm, desse modo, o seu tempo próprio, o seu próprio ritmo e compasso. Eles representam processos narrativos que se furtam à aceleração. Seria um sacrilégio acelerar um ato de sacrifício. Acelerar sem fim, em contrapartida, é o que um processador faz, pois ele não trabalha narrativamente, mas apenas aditivamente. Narrativas não se deixam acelerar arbitrariamente. A aceleração destrói as suas estruturas próprias de sentido e tempo. O inquietante na experiência de tempo atual não é a aceleração como tal, mas sim a conclusão faltante, ou seja, a falta do ritmo e do compasso das coisas.

Não apenas o tempo narrativo é uma conclusão. Também o instante que contenta e satisfaz é uma conclusão, pois ele é fechado em si próprio. Ele não tem, por assim dizer, nada à sua volta. Ele repousa em si mesmo e se satisfaz consigo próprio. Assim, ele é sem passado e sem futuro, sem lembrança e sem espera, ou seja, sem “cuidado” [*Sorge*] no sentido heideggeriano. Essa ausência de cuidado [e preocupação] contenta. Mas se vive necessariamente mais do que por um instante. Assim, se sai inescapavelmente dele. Em retrospecto, lembramo-nos dele como de um momento. Por isso, ele se distingue do tempo narrativo, que tem uma forma inteiramente diferente de duração.

Em seu estudo sobre a fotografia, *A câmara clara*, Barthes cita Kafka: “Minhas histórias são um tipo de fechar os olhos”. A esse respeito, ele nota:

“A fotografia tem de ser silenciosa. Isso não é uma questão de ‘discrição’, mas de música. A subjetividade absoluta só é alcançada em um estado de silêncio, no esforço pelo silêncio (fechar os olhos significa trazer a imagem à fala no silêncio)”. A subjetividade absoluta é a subjetividade na forma da conclusão. Sem silêncio, ela se dispersa e não pode retornar a si. Sem retorno, ela não pode se fechar [*schliessen*]. Assim, ela se torna depressiva.

As imagens digitais de hoje em dia são sem silêncio e, por isso, sem música, sim, sem aroma. Também o aroma é uma forma de conclusão. As imagens inquietas não *falam* ou *contam*, mas sim fazem barulho. Frente a essas imagens “ameaçadoras”, não se pode fechar os olhos. O olho fechado é o signo visual [*Sichtzeichen*] da conclusão. Hoje, a percepção é incapaz da conclusão, pois ela zapeia pela rede digital sem fim. A rápida alternância entre imagens torna impossível o fechar os olhos. Este pressupõe um demorar-se contemplativo. As imagens, hoje, são construídas de tal modo que não é mais possível fechar os olhos. Ocorre um contato imediato entre elas e o olho, que não permite nenhuma distância contemplativa. A coação por uma vigilância e visibilidade permanente dificultam fechar os olhos. A transparência é expressão da hipervigilância e da hipervisibilidade.

O tempo bom

O percurso narrativo é estreito. Por essa razão, ele é muito seletivo e não produz nenhuma massa de informação. A informação é uma categoria pós-narrativa. A sua negatividade impede a proliferação e a massificação do positivo. Em oposição à memória [*Gedächtnis*], que aponta para uma estrutura narrativa, a memória virtual [*Speicher*] é sem história, ou seja, sem conclusão. Ela é meramente aditiva. A memória [*Gedächtnis*] é, hoje, desnarrativizada, tornando-se um amontoado de lixo e de dados, um “depósito de tralhas” (Paul Virilio), que está inteiramente entupido com todo tipo possível de imagens e símbolos desgastados, inteiramente desordenados e mal adquiridos. No depósito de tralhas, as coisas estão meramente uma ao lado da outra. Elas não estão em *camadas* [*geschichtet*]. Por isso, falta ao depósito de tralhas toda história [*Geschichte*]², ou seja, o sentido. O depósito de tralhas não pode nem se lembrar nem esquecer. Toda a história do passado como utopia, revolução e mito, flui hoje para dentro da máquina de informação como para dentro de uma barragem, que expelle, então, relatos posteriores [*Nachgeschichten*] rapidamente consumíveis. A informação não é uma conclusão. Por isso, ela tende à proliferação e à massificação. Nisso, ela se distingue tanto do saber como também do conhecimento e da verdade. É intrínseca à verdade a negatividade da *exclusividade*, que faz dela a contrafigura da informação.

A aceleração tem a sua causa na incapacidade universal de concluir [*schliessen*] e encerrar [*abzuschliessen*]³. O tempo continua se lançando para frente, pois ele não chega em lugar nenhum à conclusão [*Schluss*] e ao encerramento [*Abschluss*]. A aceleração é, portanto, a expressão de uma ruptura temporal de barragens. Não existem mais barragens que regulem, que articulem ou que deem ritmo ao fluxo do tempo, que poderiam *deter* [*halten*] ou *conter* [*verhalten*] o tempo ao lhe darem uma *parada* [*Halt*], uma parada

em duplo sentido. Onde o tempo perde todo ritmo, onde ele se lança sem parada e sem direção no aberto e no vazio, desaparece, também, todo tempo certo ou todo tempo bom.

O *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, começa, de maneira característica, com a seguinte frase: “*Longtemps, je me suis couché de bonne heure*” [“Por muito tempo, eu fui dormir na hora certa”]. “*De bonne heure*” significa “no tempo certo”. Ele promete a felicidade (*bonheur*)⁴. Ele é a contrafigura do mau infinito⁵, do tempo vazio e vazio de sentido. O bom sono é, ele mesmo, uma conclusão. O sujeito do desempenho exaurido, em contrapartida, adormece como uma perna adormece. Isso não é uma forma de conclusão. A insônia provém da incapacidade de concluir. Hoje, fecham-se os olhos, quando se os fecham de algum modo, por cansaço e exaustão. Seria mais apropriada a formulação: os olhos simplesmente se fecham, o que não é uma conclusão.

O tempo da festa

Hoje em dia, as coisas ligadas ao tempo envelhecem muito mais rápido do que antes. Elas decaem rapidamente naquilo que é passado e fogem à atenção. O presente se reduz à ponta da atualidade. Assim, o mundo perde algo de sua duração. A causa do encolhimento do presente não é, como se assume equivocadamente, a aceleração. Antes, o tempo, como uma avalanche, lança-se adiante, porque ele não tem mais uma *parada*. Aqueles pontos do presente entre os quais não existiria nenhuma força gravitacional e nenhuma tensão, pois são meramente aditivos, desencadeiam a ruptura do tempo, o que conduz ao aceleração sem direção e sem sentido.

Quem é depressivo não é capaz de uma conclusão. Sem conclusão, porém, tudo se dissipa. Não se forma nenhum autorretrato estável, o que seria, igualmente, uma forma de conclusão. Não por acaso, a indecisividade, a incapacidade para a escolha [*Ent-Schluss*] é sintomática da depressão. A depressão é característica de um tempo no qual se perdeu a capacidade de concluir [*schliessen*] e encerrar [*abzuschliessen*]. Também o pensamento pressupõe a capacidade de concluir, de se deter, de se demorar. Nisso, ele se distingue do cálculo. Assim, em oposição ao cálculo, o pensamento não se deixa acelerar tanto quanto se queira. Pertence aos sintomas da Síndrome de Fadiga por Informação (IFS), ou seja, o cansaço de informação, a incapacidade de pensar analiticamente. Ela é a incapacidade de concluir [*schliessen*] e inferir [*schlussfolgern*]. A massa de informação que se acelera sufoca, então, o pensamento. Também o pensamento carece de um silêncio. É preciso poder fechar os olhos.

O sujeito do desempenho é incapaz de chegar a uma conclusão. Ele se despedaça sob a coação de sempre ter de produzir mais desempenho. Precisamente essa incapacidade de chegar a uma conclusão e de encerrar conduz ao *burnout*. E, em um mundo no qual a conclusão e o encerramento

dão lugar a um avanço sem fim e sem direção, não é possível morrer, pois também o morrer pressupõe a capacidade de encerrar a vida. Quem não consegue morrer no tempo certo tem de a-cabar [*ver-enden*] em uma hora inoportuna [*Unzeit*].

O tempo da festa não é um tempo do relaxamento ou da recuperação. A festa é, ela mesma, uma forma de conclusão. Ela deixa que um tempo inteiramente outro comece. A festa tem sua origem, como a celebração, em um contexto religioso. A palavra latina *feriae* tem uma origem sacral e significa o tempo destinado às ações religiosas. *Fatum* é um lugar sagrado, dedicado à divindade, ou seja, o lugar destinado à ação religiosa. A festa começa onde o trabalho como ação pro-fana (literalmente: que se encontra diante [e, portanto, fora] do distrito sagrado) termina. O tempo da festa é diametralmente oposto ao tempo do trabalho. O final do expediente [*Feierabend*] como véspera [*Vorabend*] da festa anuncia um tempo sagrado. Se aquela fronteira ou umbral que separa o sagrado do profano é suspensa, resta, dessa maneira, apenas o banal e o cotidiano, a saber, o mero tempo do trabalho. E o imperativo do desempenho o explora.

A sociedade do cansaço atual faz o próprio tempo de refém. Ela o acorrenta ao trabalho e o transforma em tempo de trabalho. O tempo do trabalho é um tempo sem conclusão, sem início e sem fim. Ele não *exala* [nenhum aroma]. A pausa não marca, como pausa do trabalho, um outro tempo. Ela é apenas uma *fase do tempo de trabalho*. Hoje, não temos nenhum outro tempo senão o tempo do trabalho. O tempo do trabalho se totaliza como o tempo. Perdemos há muito tempo o tempo da festa. O fim do expediente como véspera do dia festivo nos é inteiramente estranho. Trazemos o tempo do trabalho não apenas nas férias, mas também no sono. Por isso dormimos tão inquietamente hoje. Também o relaxamento é apenas uma modificação do

trabalho, na medida em que serve para a regeneração da força de trabalho. A recuperação não é o outro do trabalho, mas o seu *produto*. Também apenas a desaceleração ou lentidão não podem gerar um *outro* tempo.

Ela é, igualmente, uma *consequência* do tempo de trabalho acelerado. Ela apenas *desacelera* o tempo de trabalho, em vez de transformá-lo em um outro tempo. Em oposição à opinião generalizadamente disseminada, a desaceleração não elimina a crise temporal, sim, a doença temporal atual. A desaceleração não surte nenhuma cura. Antes, ela é apenas um sintoma. Não se pode curar a doença com o sintoma. Hoje, é necessária uma *revolução temporal*, que gere um outro tempo, o *tempo do outro*, que não é um tempo do trabalho, uma revolução temporal que traga de volta para o tempo o seu aroma.

O tempo do outro

O amor como o absoluto é, para Hegel, uma conclusão [como silogismo]. Aquele que ama morre, de fato, no outro, mas se segue a essa morte um retorno para si. O retorno para si a partir do outro, porém, é tudo, menos uma apropriação violenta do outro, apropriação que foi feita, falsamente, da principal figura do pensamento hegeliano. Hoje, deve-se ler Hegel de outra maneira do que Derrida, Deleuze ou também Bataille o leram. O retorno para si não é nenhuma apropriação, mas sim a *dádiva do outro*, que pressupõe a renúncia, a entrega do si. A conclusão [como silogismo] é absoluta porque não é limitada. Uma conclusão limitada significa que eu meramente me aproprio de uma parte do outro, de modo que eu permaneço inalterado em mim mesmo. O amor como conclusão absoluta pressupõe um abandono [*Aussetzen*] do si. Ele é metamorfose [*Verwandlung*]. O abraço amoroso é outro signo visual da conclusão. A declaração de amor é uma promessa que produz uma duração, uma *clareira* no tempo. A fidelidade é ela mesma uma forma de conclusão, que introduz uma eternidade no tempo. Ela é a inclusão [*Einschluss*] da eternidade no tempo.

A comunicação humana promove o sentido apenas pelo fato de que ela representa uma forma de conclusão. O ser humano se comunica para escapar à morte e para dar um sentido à vida. O diálogo representa uma forma bela de conclusão. Por isso ele pode promover o sentido. Ele é uma comunicação com um Tu. Também a prece é um diálogo. Deus é, como diria Buber, um Tu eterno. A rede digital não é uma forma de conclusão. Assim, a comunicação digital não é capaz do diálogo. Ela se torna, hoje, mais narcisista, e leva o próprio *outro* ao desaparecimento. O vazio de sentido faz com que nos comuniquemos sem pausa e sem interrupção. O vazio na comunicação se mostra como a morte que deve se ocultar o mais rápido possível por meio de mais comunicação. Isso, porém, é uma empreitada sem esperanças. Uma

comunicação como diálogo que promove o sentido se furta à aceleração. Apenas uma comunicação-do-Iso [Es-Kommunikation] se deixa acelerar sem fim⁶.

O tempo que se deixa acelerar é o *tempo-do-Eu* [Ich-Zeit]. Ele é o tempo que eu *tomo* para mim. Ele conduz à falta de tempo. Há, porém, também um outro tempo, a saber, o *tempo do outro*, um tempo que eu *dou* ao outro. O tempo do outro como *dádiva* não se deixa acelerar. Ele também se furta ao trabalho e ao desempenho, que sempre exige o *meu* tempo. A política temporal do neoliberalismo desfaz o tempo do *outro*, pois ele não é *eficiente*. Em oposição ao tempo-do-eu, que isola e singulariza, o tempo do outro promove a *comunidade*. Apenas o tempo do outro liberta o eu narcisista da depressão e da exaustão.

Em um tempo inoportuno

Há alguns anos foi possível presenciar, no CTM Festival de música experimental e eletrônica, uma banda de *death metal* que estava, antes de entrar no palco, seriamente preocupada com como ela deveria encerrar a música a ser tocada. Não é verdadeiramente possível encerrar de maneira dotada de sentido uma música à qual não inere estruturalmente nenhuma conclusão. Os músicos da banda de *death metal* ficaram, então, muito aliviados, quando os autofalantes ficaram sobrecarregados e queimaram. A salvação chegou, então, na forma de uma catástrofe. Tão abruptamente, sim, *em um tempo inoportuno* e, em última instância, catastrófico, também terminará o nosso mundo, que, por causa da forma faltante de conclusão, se acelera cada vez mais.

Notas

1. O termo *Schluss* condensa muitos significados que seriam difíceis, senão impossíveis de verter em um único termo em português. Em um uso cotidiano da língua alemã, ele significa algo como “fim”, “conclusão”, “fecho” ou “fechamento”, no sentido do fim de alguma coisa, seu término, entendido não apenas como encerramento, mas como a consumação ou realização da coisa que chega a seu ponto final (como um texto que chega à sua conclusão). Mas ele também pode significar inferência, dedução ou mesmo, no contexto do vocabulário lógico estrito, *silogismo*, particularmente em referência aos *silogismos aristotélicos*, precisamente porque, ao realizarmos uma inferência ou fazermos um silogismo, interessa-nos, a partir de premissas, *chegar a uma conclusão*. Hegel utiliza o termo *Schluss*, na *Ciência da Lógica*, para analisar, precisamente, a *forma lógica do silogismo*; mas, ao mesmo tempo, fazendo-o, como é próprio ao projeto da *Ciência da Lógica*, por meio de uma ressignificação, reinterpretção e reformulação dialética da doutrina aristotélica dos silogismos. Nessa reformulação, porém, um dos pontos centrais, senão o mais central, é o de mostrar, precisamente, como, no silogismo, em sua forma consumada, cada um dos seus termos – na terminologia clássica, o termo maior, o termo médio e o termo menor – é a unidade de si mesmo com cada um dos outros momentos (cada um dos outros termos) e, por isso, cada um dos termos é, ao mesmo tempo, a *totalidade*, o *todo* deles. Isso se consumaria, particularmente, pelo modo com que a categoria de singularidade encadearia a particularidade e a universalidade e seria, desse modo, também a sua conclusão, o seu *Schluss* – a singularidade seria a *conclusão* enquanto a *consumação* das categorias de universalidade e particularidade, o termo final de seu desenvolvimento a que elas chegariam. Por isso, a afirmação de Hegel, citada aqui por Han, de que “todo o racional é um silogismo” (HEGEL, G.W.F. *Wissenschaft der Logik*. Suhrkamp: Frankfurt am Main, 2014, p. 352) teria o sentido de expressar que todo o racional é caracterizado por ser uma unidade dos seus momentos em que esses momentos só foram uma totalidade precisamente porque não são postos como subsistindo por si próprios independentemente uns dos outros, mas sim apenas “na sua relação ao outro” (HEGEL, G.W.F. *Wissenschaft der Logik*. Suhrkamp: Frankfurt am Main, 2014, p. 354); ou seja, apenas no *todo*, todo que é, ao mesmo tempo, a *conclusão*, o *fecho* que reúne esses termos e os leva à sua consumação. Entretanto, como Han joga precisamente com o fato de que *Schluss* significa conclusão a fim de mostrar como o fecho, o encerramento, a conclusão, o se fechar em si mesmo e na sua própria

consumação é fundamental em diferentes dimensões da experiência humana, traduzi-lo sempre por “silogismo”, no sentido em que o termo é usado por Hegel, seria forçado e obscureceria o sentido do texto em muitas passagens, de modo que optamos por isso pela tradução como conclusão e, nos casos onde o termo estivesse sendo usado em referência ao conceito de silogismo de Hegel, colocar, entre colchetes, o “como silogismo”, para apontar o sentido técnico específico em que o termo *Schluss* está sendo usado aí. No mesmo espírito, de acordo com o que a situação demandava, traduzimos o verbo *schliessen*, do qual deriva o substantivo *Schluss* e que, portanto, tem o mesmo campo semântico que ele, de maneiras diferentes de acordo com o mais apropriado no contexto, apontando entre colchetes, porém, o termo original. Por fim, vale lembrar que o próprio título do livro em alemão, *Bitte Augen schliessen*, “Favor fechar os olhos”, contém o verbo *schliessen*, o que já indica como o tema central do livro é, justamente, o *schliessen* e a capacidade de *schliessen*, ou seja, de fechar, de concluir em geral, capacidade que, do ponto de vista do autor, estaria se perdendo em nossa sociedade contemporânea, pautada por uma positividade excessiva e por um imperativo do ser e fazer sempre mais que não permite nenhuma conclusão, nenhum *Schluss* (para saber mais sobre o conceito de silogismo em Hegel, cf. HÖSLE, V. *O sistema de Hegel*. Trad. A.C. Pinto de Lima. São Paulo: Loyola, 2007, p. 258-271. • VIEWEG, K. *O pensamento da liberdade*. Trad. G.S. Philipson, L.N. Machado e L.F. Barrére Martin. São Paulo: Edusp, 2019, p. 253-258) [N.T.].

2. Aqui, Han explora a proximidade do adjetivo *geschichtet*, que significa “disposto em camadas”, com o substantivo *Geschichte*, que significa história, para indicar, justamente, que a história é aquilo que seria constituído por diversas camadas que se sobrepõem [N.T.].

3. Enquanto *schliessen* tem toda a gama de sentidos que apresentamos na nota 1, *abschliessen* significa, mais univocamente, o encerramento, a conclusão, o fechamento ou mesmo o “trancamento”, não tendo, como o verbo *schliessen* também tem, o sentido de inferência ou dedução [N.T.].

4. Aqui, o autor explora o jogo de palavras, presente na passagem de Proust, entre “*bonne heure*” (hora certa, tempo certo) e “*bonheur*” (felicidade), que sugeriria, justamente, que o tempo certo, a “*bonne heure*” (e o dormir no tempo certo) é o que traz a felicidade,

“*bonheur*” (e como que leva, mais uma vez explorando a ambivalência da passagem de Proust, a “deitar de felicidade”) [N.T.].

5. Aqui, Han faz menção ao conceito de *mau infinito* em Hegel, ou seja, de um infinito que, precisamente, *não chega ao seu termo*, porque ainda se opõe ao finito como algo exterior e independente dele próprio, de modo que faz com que se *progrida ao infinito*, sem, porém, se chegar um infinito *atual*, inteiramente dado e, por isso, sem se chegar a uma *conclusão* (cf. HEGEL, G.W.F. *Wissenschaft der Logik*. Hamburgo: Felix Meiner, 2008, p. 135-158).

6. Han faz recurso aqui a conceitos da filosofia de Martin Buber, que ele explora mais detidamente em outras de suas obras. Cf. HAN, B.-C. *Filosofia do zen-budismo*. Trad. L.N. Machado. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 179-189, esp. p. 182: “O Isso é um Algo, um objeto de apropriação. Em oposição ao Tu-Eu, o Isso-Eu é incapaz de relação, pois ele se relaciona apenas de maneira apropriativa com o mundo”.

O Autor

BYUNG-CHUL HAN nasceu na Coreia, mas fixou-se na Alemanha, onde estudou Filosofia na Universidade de Friburgo e Literatura Alemã e Teologia na Universidade de Munique. Em 1994, doutorou-se em Friburgo com uma tese sobre Martin Heidegger. É professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim e autor de instigantes ensaios filosóficos sobre a sociedade atual publicados no Brasil pela Editora Vozes.